



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

NATHALIA JÚLIA COUTO DE LIMA CARDOSO

Memorial Descritivo
A JORNADA DE FORMAÇÃO DE NATHALIA CARDOSO NA LICENCIATURA EM
LETRAS

Recife
2025

NATHALIA JÚLIA COUTO DE LIMA CARDOSO

Memorial Descritivo

A JORNADA DE FORMAÇÃO DE NATHALIA CARDOSO NA LICENCIATURA EM
LETRAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Letras Português\ Espanhol,
departamento de letras, da
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DE
PERNAMBUCO, como requisito parcial
para a Obtenção do grau de licenciatura
em meu curso.

Orientador: Iedo de Oliveira Paes

Recife
2025

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que me inspiraram nesta profissão. Agradeço aos meus professores e colegas por me ajudarem a desenvolver este trabalho, compartilhando conhecimentos e experiências que foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional e sou profundamente grata pelo apoio que recebi ao longo dessa jornada.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	5
2 INÍCIO DE UM GRANDE SONHO.....	7
3 PANDEMIA DA COVID-19 E EU.....	8
4 PRIMEIRO ESO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO).....	9
5 SEGUNDO ESO.....	9
6 TERCEIRO E QUARTO ESO.....	10
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
8 REFERÊNCIAS.....	11

1. APRESENTAÇÃO

O presente memorial tem como finalidade relatar o percurso vivido na Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, por Nathalia Júlia Couto de Lima Cardoso, brasileira, solteira, filha de Manoel da Silva Cardoso e Andrezza Márcia Couto de Lima Cardoso, nascida em oito de julho de 1995, na cidade de Recife-PE. Graduanda em Licenciatura em Letras - Português e Espanhol na Universidade Federal Rural de Pernambuco, atualmente trabalha no Colégio Buarque de Gusmão (Jaboatão-PE) e reside na Rua da Mangabeira, 97, bairro da Mangabeira, cidade do Recife-PE, CEP: 52110-145. Telefone e e-mail para contato: (81) 98330-2877 e professoraletrasportuguesespanhol@gmail.com, respectivamente.

O papel do professor sempre esteve presente em meu imaginário desde que consigo me recordar da infância. Minha mãe sempre conta sobre a minha admiração por uma professora que tive, e realmente tenho uma breve lembrança dessa profissional que tanto me marcou. Na época, ainda chamávamos os professores dos anos iniciais da escola de "tia". Como era incrível a tia Simone! Até hoje tenho várias fotos minhas com ela no meu álbum de fotografias. Lembro-me da sua doçura e da forma compreensiva com que educava, respeitando o tempo e a individualidade de cada aluno de maneira acolhedora.

Ainda no Ensino Fundamental, tive outra professora de extrema importância para a minha formação e compreensão do que é ser uma educadora: tia Mônica. Dessa, tenho recordações mais vívidas, e como eu a adorava! Inspirada por ambas, já nesse período eu verbalizei que meu sonho era ser professora. Brincava de escolinha na infância, e meus alunos eram minhas irmãs mais novas e meus primos. Quando não havia alunos "vivos", eram meus brinquedos ou até mesmo alunos imaginários.

Com o passar dos anos e com meu amadurecimento educacional, conheci outras metodologias e didáticas que, embora não tenham sido ruins, não me marcaram tanto. Isso acontecia porque meu padrão era

muito alto devido às experiências com a tia Simone e tia Mônica.

No fim do Ensino Fundamental II, alguns professores voltaram a marcar profundamente minha trajetória. Nesse período, eu já estava em outro estágio de amadurecimento, e o professor deixou de ser visto como uma figura familiar e passou a ser reconhecido como um profissional cujo papel era me ensinar sobre os mais variados temas. Esses professores foram Valfrido, no ensino de Língua Portuguesa e Literatura; Dário, em Física; João, em História; Durval, em Filosofia; e Edvaldo, em Matemática.

Nessa época, minha alma estava em festa, pois todas as aulas eram incrivelmente boas. Poucas pessoas têm essa sorte, e um detalhe muito importante é que todos eram professores da rede pública de ensino de Pernambuco. Esses profissionais são a prova viva do comprometimento e do profissionalismo dos nossos educadores, que infelizmente são desvalorizados de diversas maneiras, seja pelas péssimas condições de trabalho ou pela remuneração injusta, que sempre exige luta por reajustes salariais adequados.

Hoje, como estudante e professora, admiro-os cada vez mais por se manterem dignos em seu ideal e compromisso com a educação do nosso país. No último ano do Ensino Médio (2012), prestei o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e, infelizmente, não fui aprovada em nenhuma das minhas duas opções de curso. Por questões da vida, não tive o privilégio de poder aguardar até o próximo ano apenas estudando para tentar novamente. Precisei trabalhar para me manter nesse período de espera até um novo exame. Uma grande satisfação foi quando recebi a notícia de que havia sido aprovada no Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Naquele momento, percebi que meu sonho de infância estava se tornando realidade. E assim se iniciou a minha jornada na Licenciatura.

2. INÍCIO DE UM GRANDE SONHO

Após muita ansiedade e expectativa, inicia-se meu primeiro período na universidade. Confesso que não sabia muito o que me esperava, já que, assim como muitos colegas, imaginávamos que numa graduação de Letras teria muito enfoque no estudo das regras gramaticais da norma padrão da língua, meio que uma versão continuada do português que aprendemos na escola.

Para mim, particularmente, foi muito difícil o primeiro período por diversos motivos. Principalmente por se tratar de um curso muito mais denso e que exige bastante leitura, o que eu não estava acostumada no curso anterior, somado à carga de leitura enorme que eu tinha que dar conta, além de limitações como cansaço e o estresse de um dia de 8h de trabalho.

Enfim, percebi que a jornada seria longa e que, agora que entrei no curso da minha vida, teria que me esforçar bastante para estar à altura dele. E o mais difícil para mim foi conciliar com um trabalho que me consumia 8 horas diárias de segunda a sábado. Realmente não indico para ninguém fazer isso, e é muito claro que é um privilégio muito grande, neste país, quem consegue apenas se dedicar aos estudos.

Em vários momentos, questioneei se eu era realmente capaz de fazer o que eu tinha me proposto, se conseguiria conciliar as duas atividades e, principalmente, fazê-las bem. E também devo admitir que o ambiente acadêmico, em diversos momentos, pode ser muito desafiador em diversos sentidos.

Minha situação não é muito diferente dos colegas que estudam nos cursos que são ofertados no período noturno. Estudar à noite para trabalhar durante o dia é uma realidade para muitos. Muitas vezes, chegava à universidade com um intenso desgaste mental e físico.

Quando iniciei a graduação, em 2017.1, éramos uma turma cheia, com quase 40 alunos, se não me engano. Hoje, dos que se formaram, acredito que não passam de 10, e os que, como eu, estão concluindo são 5

alunos.

3. PANDEMIA DA COVID-19 E EU

Eis que todos nós fomos pegos de surpresa no ano de 2020 por um vírus novo, altamente contagioso e mortal. Com isso, tivemos que reaprender a viver em sociedade.

No Brasil, nesse período, enfrentamos um "desgoverno" irresponsável e criminoso que, em diversos momentos, desacreditou da ciência e das medidas de segurança pública, como o uso de máscaras, álcool em gel, fechamento do comércio, escolas e universidades, mantendo em funcionamento apenas os serviços essenciais.

A universidade permaneceu paralisada, acredito que por cerca de um ano, sem nenhum tipo de atividade. Posteriormente, adotou-se o modelo de aulas remotas, inicialmente não obrigatórias, depois obrigatórias, seguidas por um modelo misto e, finalmente, a retomada totalmente presencial. Não poderia escrever um memorial sem citar esse acontecimento histórico mundial, que tirou milhares de vidas no Brasil e em diversos outros locais ao redor do mundo.

Nesse período, eu ainda não estava cursando as disciplinas de estágio obrigatório, então minha perspectiva é fortemente baseada na vivência como aluna. Contudo, sou ciente de que as dificuldades foram enfrentadas por ambas as partes, alunos e professores.

Quanto à minha experiência de ensino nesse período, alguns professores optaram por não ministrar aulas de maneira síncrona. Assim, tínhamos acesso a textos, comentários escritos e utilizamos bastante plataformas como o Google Sala de Aula, grupos de WhatsApp e até mesmo o próprio SIGA (plataforma digital de acesso dos docentes e discentes da Rural).

Foi uma maneira totalmente nova de ensinar e aprender para a maioria de nós. Infelizmente, as aulas síncronas trouxeram um lado negativo: muitos

alunos enfrentaram dificuldades para assistir às aulas devido a problemas de conexão com a internet. A interação entre alunos e professores também se transformou radicalmente. Com câmeras e microfones desligados, acredito que muitos professores tinham a sensação de estar falando sozinhos.

Eu mesma assistia a muitas aulas enquanto varria a casa, lavava a louça, fazia faxina e realizava diversas outras atividades domésticas. Com isso, encerro este capítulo, que considere importante incluir em meu memorial.

4. PRIMEIRO ESO (ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO)

Enfim, chegou para mim o tão aguardado estágio obrigatório, minha primeira experiência de retorno ao ambiente escolar. É claro que fiquei muito ansiosa e também nervosa.

Esse primeiro ESO (Estágio Supervisionado Obrigatório) é, basicamente, de observação da ecologia escolar, desde sua estrutura física até sua estrutura humana interna, passando pelo PPP (Projeto Político-Pedagógico). "O Projeto Político-Pedagógico é um instrumento que orienta a prática educativa e deve ser entendido como um processo de construção coletiva, que envolve toda a comunidade escolar" (VEIGA, 2001, p. 32) e como ele funciona na prática. Realizei o estágio em dupla com uma colega de turma, Valéria, e decidimos por uma escola que fosse de fácil acesso para ambas. Assim, escolhemos a ETE (Escola Técnica Estadual) São Miguel Batista, localizada na Avenida Norte Miguel Arraes de Alencar. Essa escola técnica é uma modalidade de ensino bastante comum no estado de Pernambuco.

Escolhemos essa escola, além da facilidade de localização, por possuir uma estrutura singular em comparação a outras instituições. Ela foi construída no espaço onde anteriormente funcionava a antiga Fábrica Coronel Oton,

5. SEGUNDO ESO

Ao final do semestre em que realizei o primeiro estágio supervisionado e início de outro, embarquei na minha segunda experiência em sala de aula como estudante de licenciatura e futura professora.

Dessa vez, enfrentei um novo desafio. Novamente em dupla com Valéria, fomos designadas para mais uma escola da rede estadual de ensino de Pernambuco. No entanto, diferente da primeira escola "modelo", dessa vez fomos para uma escola localizada em um bairro periférico.

A escola escolhida foi a São Miguel, situada no bairro do Alto do Mandú, na zona norte do Recife. Ficou evidente, mais uma vez, que mesmo entre escolas da mesma rede estadual existem disparidades gritantes de estrutura e suporte. O que sobrava na primeira escola, faltava drasticamente nesta segunda. A precariedade impactava tanto os profissionais da educação quanto os próprios alunos.

A escola estava passando por uma reforma que, ao longo de nosso estágio, pouco avançou. "Em uma escola que passava por dificuldades estruturais e enfrentava desafios diários, ficou evidente a importância de um projeto político-pedagógico coletivo, como descrito por Veiga (1998). A construção coletiva do projeto pedagógico é essencial para envolver toda a comunidade escolar, desde a gestão até os alunos, criando um ambiente mais inclusivo e organizado."

Durante esse período, os alunos do turno integral ficaram sem acesso à quadra para as aulas de educação física, a biblioteca permanecia fechada e empoeirada, as salas de aula contavam com ventiladores e cadeiras quebradas, e os banheiros estavam frequentemente sujos e sem água. Por vezes, as aulas precisaram ser suspensas devido à falta de condições básicas. Lembro-me de uma ocasião em que, mesmo sem água, as aulas aconteceram porque não podíamos perder mais dias letivos.

"Ao refletir sobre a situação da escola, percebo como a proposta de um projeto político-pedagógico acessível e possível, conforme Veiga

(1995), é crucial para a criação de soluções eficazes em escolas que enfrentam limitações de recursos. A construção de um projeto pedagógico claro, que envolva todos os atores da escola, poderia ser um caminho para superar as dificuldades estruturais e pedagógicas."

Como trabalho durante o dia, acompanhei a realidade do turno noturno da escola. Nesse período, funcionam programas como o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o Travessia (uma iniciativa da rede estadual de Pernambuco em parceria com a Fundação Roberto Marinho). Ambos são voltados para estudantes que estão fora da faixa etária escolar ou que retornaram aos estudos após muitos anos.

Na turma em que estagiamos, havia desde jovens de 16 anos até um senhor com mais de 60. Esse cenário trouxe o desafio de encontrar uma abordagem pedagógica que fosse compreensível e interessante tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Desde o início, sabíamos que queríamos evitar a postura tradicional de ensino que transforma o aluno em um mero receptor de informações. Inspiradas por Paulo Freire, rejeitamos a concepção de "educação bancária", descrita por ele como um modelo opressor e passivo:

"Na concepção 'bancária' que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da 'cultura do silêncio', a 'educação bancária' mantém e estimula a contradição. [...]" (FREIRE, 1996, p. 56).

Com isso em mente, decidimos trabalhar um projeto temático. Como iniciamos o estágio no início do mês de maio, escolhemos abordar a imagem da mulher nas diversas mídias. Trouxemos para as aulas materiais como reportagens de jornais (uma com viés machista e outra sem), tirinhas, letras de músicas (de MPB ao brega-funk) e cordéis.

Essas aulas foram extremamente interativas, pois utilizamos textos e temas presentes no cotidiano dos alunos, promovendo discussões significativas e acessíveis. Apesar de todas as dificuldades estruturais enfrentadas na escola, conseguimos concluir o estágio com um sentimento de orgulho pelo trabalho realizado. Nosso projeto provou que, mesmo em um ambiente com recursos limitados, é possível

proporcionar uma experiência educativa relevante e transformadora.

6. TERCEIRO E QUARTO ESO

Esta é a minha situação atual, este semestre optei por fazer simultaneamente o terceiro e quarto estágio obrigatório, o terceiro se trata da observação e regência da língua estrangeira espanhola, já que este curso que faço se trata de uma dupla licenciatura e o quarto e último é de mais uma observação e regência da língua portuguesa.

Por questões de logística e ter gostado muito do semestre anterior, irei fazer na mesma escola, também uma turma de jovens e Adultos do TRAVESSIA, no período noturno. Acredito que já tenha definido meu perfil como professor, reconheço a importância e poder que o domínio da língua traz para quem a conhece.

Mas a forma que esse conteúdo é trabalhado em aula é extremamente importante na minha opinião, podendo inclusive ser decisivo para o interesse do estudante ou não. Toda vez que trago o conteúdo contextualizado sinto o engajamento e a fluidez na aula, se torna prazeroso estudar e não algo maçante que parece que as horas não passam para os discentes como também para o docente.

Hoje me sinto mais preparada e segura para estar em sala de aula, devido às experiências tão antagônicas e singulares, mas extremamente ricas e importantes para o meu crescimento humano e profissional. Mais uma vez estou organizando a minha regência baseada num modelo sócio construtivista (Vygotsky), com bastante leitura e trabalhando os gêneros da oralidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Quando olho para trás e vejo tudo o que conquistei e construí ao longo desses anos e semestres desde que entrei para a universidade, sinto muito orgulho e carinho. Não foi fácil, houve muitos altos e baixos, e até momentos em que questioneei se tinha capacidade para continuar. Mas, com persistência, lutei contra um modelo de sociedade que faz com que

muitos precisem escolher entre a sobrevivência e a educação — algo que, infelizmente, não é acessível a todos da mesma forma. Consegui quebrar essas barreiras e superar as dificuldades que enfrentei.

"Durante o estágio, os desafios que enfrentei se alinham com as situações descritas por Buriolla (1990), que enfatiza a importância de uma preparação prévia e a flexibilidade para lidar com as diferentes realidades escolares encontradas pelos estagiários. A experiência prática exigiu de mim não só a observação, mas também a adaptação e a busca constante por soluções criativas."

A licenciatura sempre foi minha primeira opção. Cheguei a tentar desviar do caminho, mas a vida acabou me trazendo de volta para ela. Agora, conheço bem as dificuldades que a profissão enfrenta, como é ser um profissional desvalorizado em um país que valoriza muitos saberes, menos aquele que forma todos os outros. Para tudo nesta vida, precisamos que alguém nos ensine primeiro. Sou imensamente grata aos professores que passaram pela minha vida e me inspiraram. Saibam que o trabalho de vocês teve um impacto profundo na minha trajetória.

Meu sonho é ser para meus alunos o que, um dia, meus professores foram para mim: um lugar de crescimento, apoio, estímulo à imaginação e, acima de tudo, um lugar de amor.

"Ao refletir sobre minha prática, busquei ser uma professora reflexiva, conforme proposto por Isabel Alarcão (2003), que defende a importância de os professores adotarem uma postura crítica e reflexiva diante das dificuldades e das necessidades dos alunos, especialmente em contextos como o que vivenciei nesta escola de periferia."

Agradeço também aos professores da graduação, que foram essenciais nos momentos mais difíceis, quando pensei em desistir por não me sentir boa o suficiente."

8. REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Questões de Nossa Época; 104).

BURIOLLA, Marta A. Feiten. **O estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, Ilma Passos da (org.). Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35

In: VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas, SP: Papirus, 1995

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Questões de Nossa Época; 104).

